

7.07.08.00-2 Psicologia do Ensino e da Aprendizagem.

UNIVERSIDADE E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: DISCUTINDO A EXPERIÊNCIA DE TER UM COLEGA DE CLASSE COM DEFICIÊNCIA

Ana Luiza Granieri de Oliveira^{1*}, Ana Laura Schliemann²,

1. Psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

2. Professora da PUC-SP – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FACHS)/Orientadora

Resumo

A inclusão das Pessoas com Deficiência na Educação Superior acontece desde o final dos anos noventa no Brasil e cada vez mais se torna atual e necessária. Este projeto de Pesquisa está relacionado ao trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Comitê de Acessibilidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP e busca estudar os estudantes com deficiência nas Universidades de Ensino Superior. O objetivo do trabalho é avaliar a opinião dos alunos não deficientes sobre a aprendizagem quando há um aluno com deficiência na sala de aula. Para isso, foi realizada uma revisão da literatura sobre os temas em questão, assim como um estudo de caso por meio de entrevistas estruturadas de forma online através do GoogleForms destinado aos estudantes de Psicologia. Com o estudo, esperou-se entender que visão os estudantes de Psicologia têm em relação aos alunos deficientes dentro da Universidade, quais são suas impressões pessoais no que se refere ao aprendizado do colega deficiente e em suas relações sociais com os outros alunos dentro da sala de aula.

Palavras-chave: Deficiência; Psicologia; Ensino Superior.

Trabalho selecionado para a JNIC: PIBIC PUC-SP.

Introdução

Este trabalho está relacionado com o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Comitê de Acessibilidade do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC São Paulo. A partir do ano de 2017, quando assumiu a nova coordenação do curso de Psicologia, foi discutida na Comissão Didática do curso a necessidade de um projeto que começasse a tratar de questões das pessoas com deficiência, matriculadas no curso em um número cada vez maior.

O objetivo da Comissão de Acessibilidade é criar condições que vão respeitar a lei n. 10.098 de 19 de dezembro de 2000 que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Algumas ações foram realizadas com o intuito de melhorar a comunicação entre as partes envolvidas, por exemplo, a criação de um email institucional para acessibilidade, confecção mensal de um Boletim da Comissão de Acessibilidade do Curso de Psicologia da FACHS/PUC-SP com temas pertinentes à acessibilidade de pessoas com deficiência, participação em eventos internos e externos à Universidade etc.

Diante disto, acredita-se que os colegas de classe são uma importante contribuição para a criação de condições de aprendizagem mais dialógicas dentro da sala de aula e com todos os envolvidos neste processo. O objetivo deste trabalho, portanto, foi avaliar a opinião dos alunos não deficientes sobre a aprendizagem quando há um aluno com deficiência na sala de aula. A partir dos dados coletados, buscamos identificar e sensibilizar os alunos de Psicologia para que possam se empoderar das condições de aprendizagem entre as pessoas com deficiência e sem deficiência. Além disso, o trabalho também teve como objetivo o desenvolvimento de material de consulta e reflexão sobre o tema.

Metodologia

Este estudo tem natureza quantitativa e qualitativa. Denomina-se quantitativa porque a análise foi feita através de estatística descritiva produzida pelo Google Docs. A pesquisa é qualitativa, porque o nosso interesse voltou-se para a busca do significado dos fenômenos, manifestações, vivências, sentimentos, assuntos etc. (TURATO, 2003).

O Google Forms, sistema do Google, é um serviço gratuito para criar formulários online. Nele, o usuário pode produzir pesquisas de múltipla escolha, fazer questões discursivas, solicitar avaliações em escala numérica, entre outras opções. O funcionamento do serviço é totalmente online, ou seja, a ferramenta é compatível com qualquer navegador e sistema operacional. Os dados ficam salvos na sua conta do Google. O formulário construído pode ser disponibilizado através de um endereço eletrônico e quando preenchido pelos respondentes, e as respostas aparecem imediatamente na página do Google Forms do usuário que os criou.

As respostas aparecem organizadas em uma tabela, onde cada coluna corresponde às resoluções de uma questão e cada linha corresponde a um respondente. Essa planilha pode ser exportada em diversos formatos, inclusive como uma planilha Excel.

Ao mesmo tempo, foi criado um texto no início do questionário para informar o participante sobre o desenvolvimento da pesquisa, sendo ele: “O presente estudo tem como objetivo avaliar a opinião dos alunos não deficientes sobre a aprendizagem quando há um aluno com deficiência em sala de aula” bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que consta em anexo. O link do questionário desenvolvido exclusivamente para esta pesquisa foi enviado aos participantes pelo equipamento Moodle, que é uma plataforma EAD da PUC-SP e por Whatsapp. As questões colaborarão para avaliarmos a opinião dos alunos não deficientes sobre a aprendizagem quando há um aluno com deficiência na sala de aula. O público-alvo são os estudantes do curso de Psicologia da PUC de São Paulo”.

As questões do formulário abordaram a experiência dos estudantes em termos da aprendizagem e da sua convivência com os colegas com deficiência. Questionamos também sobre a percepção que tiveram sobre a aprendizagem da classe com uma pessoa com deficiência. As questões foram formuladas como uma escala (Indiferente/Ruim/Boa/Muito Boa/Excelente) e, em seguida, um campo dissertativo para que os alunos pudessem justificar suas respostas. Ao final do questionário, investigamos quais temas os estudantes acreditam ser pertinentes para serem discutidos nesta relação da deficiência em sala de aula.

Resultados e Discussão

O questionário foi enviado a todos os estudantes do curso de Psicologia da PUC-SP. Dos 994 alunos matriculados, obtivemos somente 53 respostas, o que corresponde a apenas 5,33% do total. Dos 44 alunos que responderam ao questionário, 8 relataram não haver tido contato com nenhum aluno com deficiência ao longo da graduação. Seguindo os critérios de eliminação, estas respostas não foram levadas em conta na análise dos dados. Alguns alunos afirmaram já terem tido mais de um colega de classe com algum tipo de deficiência.

A maioria dos estudantes classificou a experiência de se ter um colega com deficiência como “indiferente” no que se refere à aprendizagem. O restante dos alunos dividiu-se entre “excelente”, “muito boa” e “boa”. Apenas um estudante classificou a experiência como “ruim”. Foram levantados alguns pontos relevantes em relação à acessibilidade. Os alunos perceberam nos professores uma dificuldade de adaptar suas estratégias de ensino em uma sala que tem alunos com algum tipo de deficiência.

Em relação à convivência com PCDs em sala de aula, 75% dos alunos avaliaram as suas experiências como “excelentes” ou “muito boas”. Entre aquelas pessoas que conviveram com alunos com deficiência, dois pontos foram salientados: uma convivência harmoniosa e tranquila, devida à receptividade e simpatia das pessoas com deficiência encontradas; o aprendizado advindo de uma nova experiência, que contribui para um olhar mais plural, inclusivo e amplo para a realidade, inserindo aspectos e questões antes não pensadas por pessoas sem deficiência.

Sobre a percepção quanto à aprendizagem da sala como um todo na presença de alunos com deficiência, os estudantes que responderam à pesquisa avaliam positivamente a experiência de modo geral. Não houve avaliações negativas, o que significa que, de acordo com os participantes, ter como colega de turma uma PCD não interfere negativamente na qualidade do ensino e, em muitos casos, é visto como algo positivo para o aprendizado. Salientou-se que a presença de um aluno com deficiência ajuda a expandir as referências reflexivas nas aulas, já que esse aluno traz uma nova experiência, e com ela uma série de aspectos para os quais pessoas sem deficiência não se atentam normalmente. Uma observação digna de nota referiu-se a algumas repetições necessárias que professores por vezes precisam fazer para incluir alunas surdas, fato que teria ajudado outras pessoas sem deficiência a apreender melhor a matéria.

Com relação aos temas que mais deveriam estar em pauta, não há uma escolha majoritária específica. Alguns pontos frequentemente citados referem-se à capacitação de professores, que são vistos como despreparados nessa temática, ainda que tenham boas intenções. Outro ponto relevante é a acessibilidade física do local, que em geral apresenta obstáculos que não são percebidos como tal por pessoas sem deficiência. Por fim, discussões sobre possíveis barreiras atitudinais por parte de colegas também foram requeridas, uma vez que a maioria não chegou a conviver com pessoas com deficiência ao longo da vida, de modo que essa nova relação pode ser atravessada por preconceitos e atitudes impróprias.

Conclusões

Observa-se que essa relação com o aluno com deficiência é vista como positiva, abrange uma nova experiência com a aprendizagem e com a convivência, fortalecendo o objetivo desse grupo em continuar estudando esse tema.

A partir dos dados coletados, elaboramos um projeto de intervenção. Se cada pessoa com deficiência é única cada sala de aula deverá ser preparada para incluir e tornar-se acessível para o aluno com deficiência. Sugere-se que sejam feitas dinâmicas na sala com todos para indicar uma reflexão sobre essa nova condição da turma; o trabalho com a turma precisa ser feito a partir do diálogo com a PCD que precisa ser incentivada a

falar sobre as suas necessidades de aprendizagem; pergunte a cada aluno com deficiência como ele aprendeu até esse momento.

Outras formas que precisam ser pensadas para a aprendizagem podem ser:

- Utilizar formas novas de aprendizagem propostas para toda a turma;
- Dividir o material para que seja feito um planejamento respeitando ritmos diferentes;
- Tentar minimizar as distrações dentro de sala de aula;
- Investir no uso de recursos técnicos;
- Fornecer monitoria com maior frequência;

Foram encontrados, ao longo da pesquisa, alguns obstáculos. O primeiro deles foi a escassa produção acadêmica abordando a temática do ingresso e permanência da pessoa com deficiência no ensino superior e, em particular, da importância dos colegas não deficientes neste processo. Outra dificuldade encontrada foi o baixo envolvimento dos alunos de Psicologia da PUC-SP com a pesquisa e com o tema.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Marina da Silveira Rodrigues. Receber o aluno com deficiência, não significa inclusão. In: <http://www.facvestpos.com.br/receber-o-aluno-com-deficiencia-na-sala-de-aula-nao-significa-inclusao/>
- BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Diretrizes Curriculares na Área da Saúde. Resolução nº 569, de 8 de Dezembro de 2017. Disponível em: <https://edumeduem.blogspot.com.br/2018/02/diretrizescurriculares-nacionais.html>. Acesso em 20 de Fev. 2019.
- BRASIL. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Viver sem Limite – Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com deficiência Brasília: SDH; 2013.
- BUENO, J. G. Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente. São Paulo: EDUC, 1993
- CASTANHO, D. M.; FREITAS S.N. Inclusão e prática docente no ensino superior. Revista Educação Especial No 27. Santa Maria 2005. Disponível em <http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2006/01/r6.htm>.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Psicólogo brasileiro: Construção de novos espaços. Campinas: Átomo. 1992.
- CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Decreto Legislativo nº 186/2008. Decreto nº 6.949/2009. 4ª Edição Revista e Atualizada Brasília, 2012. Disponível em: <https://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/convencaopessoascomdeficiencia.pdf>
- FARIA, M.C.C. A leste do Éden. Projeto inclusão: clínica psicanalítica e deficiência mental. Tese de doutorado. PUC-SP, 2003.
- FERRAZ, C. V.; LEITE, G. S. Lei Brasileira de Inclusão e o “novo” conceito de deficiência: será que agora vai “pegar”? Justificando- Mentas inquietas pensam direito. 2015. Disponível em: <http://www.justificando.com/2015/08/20/lei-brasileira-de-inclusao-e-o-novo-conceito-de-deficiencia-sera-que-agora-vai-pegar/>.
- FERRARI, M.L.D; SEKKEL M, C Educação inclusiva no Ensino Superior: Um novo desafio. Revista Psicologia, Ciência e Profissão, 2007 (4), 636-647.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio século XXI: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GIL, M. A legislação federal brasileira e a educação de alunos com deficiência. Diversa, Educação Inclusiva na Prática, 2017. Disponível em: <https://diversa.org.br/artigos/a-legislacao-federal-brasileira-e-a-educacao-de-alunos-com-deficiencia/>.
- GIL, M. et al. O que as empresas podem fazer pela inclusão das pessoas com deficiência. São Paulo: Instituto Ethos, 2002.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_gregioes_xls.shtm.
- MARCONDES, M. E. R. Estudantes com deficiência no ensino superior: trajetórias escolares, acesso e acessibilidade. Inc.Soc., Brasília, DF, v.11 n.1, p. 94-104, jul/dez 2017.
- MARZOLLA, A.C. Atendimento psicanalítico do paciente com surdez. São Paulo: Zagadoni, 2016.
- MASINI, E. A. F. S.; BAZON, F. V. M. A inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior. Anais.. Caxambu, MG: [s.n.], 2005.
- MESSERSCHMIDT, D. W.; CASTRO, S. F. Docência Com Alunos Com Deficiência Na Universidade, 2016. Journal of

- Research in Special Educational Needs. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1471-3802.12165>.
- NOGUEIRA, Lilian de Fatima Zanoni. Inclusão de deficientes no ensino superior: o trabalho docente frente ao processo de inclusão. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Sorocaba, SP, 2010.
- PAULA, Jairo de. Inclusão: Mais do Que um Desafio Escolar, um Desafio Social. São Paulo: Jairo de Paula, 2004.
- QUADROS, A. L. Estratégias Usadas Por Um Professor De Ensino Superior: Concepções De Ambiente/Meio Ambiente. VII Enpec, 2009. Disponível em: <http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viipec/pdfs/834.pdf>.
- SANTOS, I. S. Processos de resiliência em universitários com deficiência. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unoeste, SP, 2018.
- SILVA, A. B. B. O que é TDA ou TDAH? S/d. Disponível em: <http://draanabeatriz.com.br/portfolio/transtorno-do-deficit-de-atencao-tda-ou-tdah-em-adultos/>
- SIQUEIRA, F. & ALMEIDA, M. Número de alunos com deficiência está em expansão as instituições de ensino superior. 2019. Revista Ensino Superior, Edição 245. Disponível em: <https://revistaensinosuperior.com.br/alunos-com-deficiencia-ies/>
- THOMA, A.S. A inclusão no ensino superior. Caxambú / MG: 29o reunião Anual da ANPED, 2006. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT15-2552--Int.pdf
- VIEIRA, J. A. Aprendizagem por projetos na educação superior: posições, tendências e possibilidades. Revista Unoeste, v.2, n.3, 2008. Disponível em: <http://e-revista.unoeste.br/index.php/travessias/article/view/3115/2453>. Acesso em 14 fev. 2019.
- ZAMPAR, J. A. S. Integração à Universidade na percepção de estudantes com deficiência. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, SP, 2015.